



VAMPIROS NA LITERATURA DO BRASIL

Maytê Regina Vieira

Percursos Literários

No Brasil não há uma tradição de literatura vampírica, ao contrário da Europa em que este personagem aparece nos poemas, contos e romances desde o século XVIII influenciados, em grande parte, pelos mitos e lendas oriundos da Europa Oriental, local em que já era uma figura secular nas histórias populares de terror passadas entre gerações, até que um suposto surto de vampirismo chamou a atenção de autoridades seculares e eclesiásticas. Com a intenção de acabar com as crenças consideradas supersticiosas e difusoras de preceitos e costumes que iam contra os dogmas religiosos e leis estabelecidas – como desenterrar o morto para cortar a cabeça e enfiar uma estaca no coração, profanando o corpo – uma série de investigações foram feitas. Um dos investigadores foi o padre beneditino Dom Augustin Calmet que como resultado de seu trabalho publicou em 1746 a obra *“Traité sur les apparitions des esprits, et sur les vampires, ou les revenans de Hongrie, de Moravie, e”*.¹

Após algum tempo e desmistificado o surto como histeria coletiva por conta da ignorância de pessoas que não tinham conhecimento sobre os processos de decomposição e transmissão de doenças; obras como a de Dom Calmet acabaram por se tornar relíquias intelectuais e, mais tarde, foram apropriadas pelos escritores que utilizaram a compilação de casos como inspiração e fonte para a escrita².

¹ Tratado sobre a aparição de espíritos e sobre os vampiros ou os revividos da Hungria, da Morávia, etc.

² O estudo detalhado destes casos e da investigação de Dom Calmet e seus desdobramentos para a literatura e, mais tarde, o cinema pode ser encontrada em minhas



A literatura vampírica europeia iniciou com poemas como *Der Vampir* publicado em 1748 pelo alemão Heinrich August Ossenfelder. Em 1797, outro alemão, Goethe publica a *Noiva de Corinto*. Segundo Costa (2002) somente em fins do século XVIII e início do XIX é que no encontro do modelo milenar com a estética da época – a dos contos de terror, da *gothic novel* que nos deu os grandes clássicos como *Drácula*, *O médico e o monstro* e *Frankenstein*, além das telas de Goya e os contos e poemas de Goethe – o vampiro ganhou o status literário se desenvolvendo e evoluindo em diversos países europeus como Alemanha, França, Inglaterra até chegar ao mais famoso e conhecido: *Drácula* do irlandês Bram Stoker publicado, pela primeira vez, em 1897. De acordo com Jarrot (1999), o século XIX descobriu o gosto pela literatura fantástica, que demonstra as questões existenciais dos homens, sua obsessão pelo desconhecido e pela morte. O fantástico teria a função de possibilitar a livre expressão de temas considerados tabus, os quais aparecem transformados numa roupagem sobrenatural. É o caso da mordida do vampiro em sua metáfora para o ato sexual. (BILGER, 2002. P. 95)

A literatura fantástica, considerada um subgênero fora dos cânones da considerada “arte literária”, demonstra as inquietações de sua época e exerce um grande fascínio pelo público em geral, sendo de alto consumo, tanto a fantástica como os romances policiais, de ficção científica, etc.

A obra de Stoker, mesmo não sendo considerada literatura de alta qualidade sobrepunha tudo que foi feito até aquele momento e se mantém como o arquétipo do vampiro moderno, influenciando as obras posteriores. (BRITES, 2007. p.16). Ao longo de anos de pesquisa, Stoker misturou lendas antigas, imaginação e um personagem real – o príncipe Vlad Tepes III, o Empalador ou *Draculea* – para criar o Príncipe das Trevas com todas as características que reconhecemos hoje: não ter reflexo, dormir em um caixão com sua terra natal, transformar-se em animais,

monografia e dissertação. Ambas versam sobre o desenvolvimento do mito do vampiro, a primeira no século XVIII e a segunda no cinema da década de 1990.



controlar os elementos da natureza e, principalmente, mostrar-se com um sedutor que domina sensualmente suas vítimas. (MELTON, 2003, p.297). A partir dele centenas de romances, contos e histórias em quadrinhos desenvolveram o conceito de vampiro.

Chegando aos séculos XX e XXI encontramos vampiros nas mais variadas formas e narrativas já completamente inseridos no imaginário mundial e conhecidos nos mais variados pontos do globo pois ao contrário de outras criaturas, ele vive entre nós mostrando-se incessantemente “em filmes, livros, quadrinhos, desenhos animados e até pelas ruas das cidades. Ele é um ser plenamente adaptado ao século XXI, reconhecido, aceito e, até mesmo, venerado.” (ARGEL e MOURA NETO, 2008, p. 13).

Mais próximos a nós, nos Estados Unidos, escritores das mais variadas formas de literatura estabeleceram, ao longo do século XX, uma grande produção que alimenta a indústria do cinema e da televisão em filmes e seriados exportados para o mundo inteiro, inclusive para nosso país.

A figura literária do bebedor de sangue adquire sua imortalidade nas páginas da ficção contemporânea, e se um dia os leitores deixarem de se interessar pelos temas da imortalidade, metamorfoses do corpo e do espírito, relações interpessoais, desejos transfigurados e as fomes de toda natureza, logo o vampiro estará de fato, morto. (JARROT, 1999)

Estas produções foram pouco a pouco modificando o estereótipo do vampiro e cedendo lugar a muitas variações. O ser mítico e aterrorizante foi sendo apresentado cada vez mais humanizado, jovem e belo, mas atingindo igualmente sucesso em livros que são traduzidos e exportados em escala global da mesma forma que os filmes e seriados que os adaptam.

As metamorfoses deste ser são visíveis em sua evolução, entretanto, a partir da década de 1970 que se tornaram mais acentuadas com o livro *Entrevista com o*



*vampiro*³ é o primeiro de uma série escrita pela autora, *As crônicas vampirescas*. Neles, Rice inovou com a perspectiva do vampiro; ele que narra sua história, seu ponto de vista. Sua publicação teve como consequência a criação de uma subcultura de entusiastas, fãs, filmes e pessoas que se consideram ou desejam ser vampiros reais. Ao mesmo tempo, o vampiro é uma figura mítica que se adapta e as inovações em sua narrativa sempre estão conectadas com as ansiedades sociais de um momento e as mudanças de uma determinada cultura. (BOHN, 2007).

Segundo Gelder (1994) esta reprodução das ansiedades de seu tempo é uma característica observável nos romances do século XIX, que mostravam o desejo e os investimentos em viagens e turismo, as questões do colonialismo, da identidade nacional. No século XX é possível ver a questões da identidade homossexual e da obsessão com o sexo e as doenças, além de ser claramente identificável com os problemas de envelhecimento, família e segurança, descrença religiosa que se traduzem em vampiros cada vez mais jovens – ultimamente, adolescentes – que não são repelidos por símbolos religiosos e tem um senso cada vez mais aguçado de moral e ética – ao menos alguns, em geral, os protagonistas – com vistas a conviver pacificamente entre os humanos.

Os vampiros de Anne Rice influenciaram autores de sua geração e posteriores como Charlaine Harris, autora da série *Sookie Stackhouse*⁴ – conhecida também como *Southern Vampires*, com publicação do primeiro volume em 2001 e adaptada para a televisão a partir de 2008 com o nome de *True Blood* – ou ainda

³ Adaptado para o cinema em 1994, conta a história de Louis de Pont du Lac, um senhor de terras e escravos na Louisiana (E.U.A.) no século XVIII que é transformado em vampiro, mas mantém as emoções humanas tendo compaixão por suas vítimas e questionando seu lugar na criação e o sentido de sua existência.

⁴ A série conta a história de Sookie Stackhouse, uma garçonnele telepata que vê sua vida mudar ao conhecer o vampiro Bill. Isto ocorre devido à criação de um sangue sintético chamado *Tru Blood*. Não necessitando mais se alimentar de humanos, os vampiros decidem “sair do caixão”, assumir sua existência e lutar por direitos civis.



Chelsea Quinn Yarbro e sua série literária *Hotel Transilvânia*⁵ publicada em 1978. Também seguem esta nova corrente a autora L. J. Smith com sua série *The vampire diaries*⁶ lançada em 1991 e adaptada também para a televisão em 2009. (URSINI; SILVER, 2011).

O mais recente fenômeno vampírico é a saga *Twilight*⁷ que conta a história do relacionamento entre uma humana e um vampiro e sua “família” que se consideram vegetarianos, visto que, não se alimentam de sangue humano e respeitam as relações familiares e de amizade fazendo tudo ao seu alcance para viver harmonicamente na cidade em que escolheram viver. Estas produções demonstram, acima de tudo, uma adaptação do vampiro aos novos paradigmas dos séculos XX e XXI com sua tentativa de inserção dos que são considerados diferentes, além da humanização e da ênfase na construção destes seres como possuidores de sentimentos e capacidade de amar despertando empatia, simpatia e desejo.

Nas últimas décadas houve um aumento das produções sobre vampiros na literatura internacional e um crescente interesse pelo assunto no Brasil, visto pelo número de obras disponíveis em livrarias. Basta circular dentro de algumas para observar a quantidade de livros em que as histórias giram em torno dos vampiros e na maior parte, de suas relações com humanos e outros seres sobrenaturais.

Era de se esperar que esta tendência influenciasse também o mercado editorial brasileiro e despertasse o interesse dos escritores nacionais, o que tem acontecido nos últimos anos, entretanto, não com a mesma força.

⁵ *Hotel Transilvânia* de Chelsea Quinn Yarbro é um dos livros de uma série sobre um vampiro, o Conde Saint-Germain e não tem relação com o filme de animação *Hotel Transylvania* lançado pela Disney em 2012.

⁶ *The vampire diaries* conta a história de Elena Gilbert, uma colegial que se vê envolvida por dois irmãos vampiros, Stefan e Damon Salvatore em um triângulo amoroso. Os irmãos são antagonistas, o primeiro tem compaixão e se alimenta somente de animais, o segundo é típico vampiro vilão, mau caráter e sem o menor respeito pela vida humana.

⁷ A saga Crepúsculo, composta por quatro livros vendeu milhões de cópias e rendeu outros milhões de dólares em bilheteria pelo mundo afora em sua adaptação cinematográfica dividida em cinco filmes.



Os Vampiros Brasileiros

Apenas nos últimos anos a literatura brasileira voltou-se com mais visibilidade para o mito do vampiro, explorando o imaginário sobre estes seres. Em especial, o autor André Vianco, que criou algumas séries, tendo narrativas conectadas, usando vampiros como personagens principais, acompanhando a tradição mundial. Vianco inovou em alguns pontos, que exploraremos mais à frente, encaixando-os dentro de nossa sociedade. O que não significa que não houveram incursões anteriores entre nossos autores.

De acordo com Shirlei Massapust (2002), os nativos da América do Sul, antes mesmo da colonização portuguesa, possuíam lendas e mitos sobre seres sugadores de sangue.

[...] os apinajés do Alto Tocantins já contavam lendas sobre os *cupendipes*; uma estranha nação de índios notívagos que, dotados de asas de morcego, degolavam pessoas e animais com machados de lua. Colhida por Carlos Estêvam de Oliveira, sua principal narrativa descreve como guerreiros de dez aldeias se reuniram para invadir e incendiar a caverna que, durante o dia, abrigava a raça alada que ali repousava de cabeça para baixo. [...] Entre as aldeias waiapã, do Amapá, fábulas antigas alertam os incautos dos ataques do *Anerao*, o morcego canibal. (MASSAPUST, 2002. p. 29)

Estes relatos são advindos de histórias passadas de forma oral entre as gerações dos indígenas que temiam seres noturnos que roubavam e matavam suas crianças e os descuidados. A mesma autora relata casos de seres associados aos vampiros ou que agem como tal no folclore do Nordeste e em casos no Norte do país.

Contudo, mesmo não sendo o gótico, – predominante em países como Inglaterra e Alemanha que abordaram mais entusiasticamente a temática sobrenatural – um gênero explorado pelos autores brasileiros, no século XIX alguns escreveram obras que abordaram o vampiro, na maior parte



implicitamente, porém o tema sempre esteve à margem na literatura brasileira. De acordo com Ferreira (2002), “é possível afirmar que o vampirismo sempre se manteve à margem na história da poesia nacional, pontuando aparições breves e incipientes”. (FERREIRA, 2002. p. 181)

Alguns exemplos são do poeta Silva Alvarenga no poema *A noite* em que uma das frases fala de um “vampir de sangue tinto”; em *Fantasia* de Teixeira de Melo temos “Vem às horas dos pálidos vampiros”; já em *Amor e Medo*, o poeta Casimiro de Abreu diz que “vampiro infame, eu sorveria em beijos/toda a inocência que teu lábio encerra”. Estas e outras poesias, além de alguns poemas do século XIX, mencionam timidamente o vampiro que aparece somente como figuração ou metáfora e nunca como foco central da trama.

Uma das obras mais conhecidas do período é de autoria de João Cardoso de Menezes e Souza. *Octavio e Branca ou a Maldição Materna* de 1849, é um romance em versos considerado o primeiro a trazer a figura do vampiro. “Meia-noite sou! – Nos ares trêmulos/Fúnebre echôa o som do campanário/De horror gelando o coração dos vivos!/[...] só ousa violar a mudez tão erma/Do pássaro da noite o guincho agudo,/E uivos de cães, quiçá correndo em cata/De maligno vampiro redivivo”. (SOUZA, 1849 in: FERREIRA, 2002. p. 210). A meia-noite é a hora do vampiro e dos espectros que rondam a noite. Ao final o pai da moça morta, Branca, chora em sua sepultura enquanto um morcego a sobrevoa. Na manhã seguinte é encontrado morto e a narrativa sugere que foi sugado por vampiros.

Menon (2011) agrega a lista o consagrado Aluísio Azevedo, autor de romances como *O cortiço* (1890). Em *A mortalha de Alzira* escrito em 1891, o escritor aborda, além do vampirismo tradicional, o psíquico contando a história do padre Angelo e de Alzira. Após sua morte a mulher assombra o padre e é descrita como uma vampira que leva o pobre padre apaixonado até a exaustão e, por fim, o suicídio.



Mesmo não sendo reconhecidas como histórias de vampiros, possuem seus elementos e demonstram o conhecimento dos autores brasileiros quanto a temática. Ainda de acordo com Menon (2011) a narrativa não se desenvolveu no Brasil por conta de seu clima e organização, tanto cultural quanto espacial, pouco propenso a assimilação da atmosfera gótica⁸.

A literatura sobre vampiros no Brasil tem sido mais abundante nos últimos anos, obviamente, ao comparar a produção dos séculos passados com a atualidade devemos considerar a facilidade de acesso e divulgação permitidos pela internet e pelos meios de comunicação. Há uma série de *sites* que se dedicam ao tema, bem como autores independentes que se debruçam sobre o tema em coletâneas de contos e poesias. A ampla difusão e circulação mundial e a troca de ideias em nosso mundo globalizado também facilita e aumenta a influência mútua.

Em 2007 uma coletânea chamada *O livro negro dos vampiros*, organizada por Claudio Brites reuniu cerca de 50 contos de diferentes escritores nacionais, todos abordando o assunto em diferentes formas de prosa, mas com um ponto comum: o vampiro como foco principal. Os autores são de diferentes áreas e idades, muitos iniciantes.

Partindo para a literatura infanto-juvenil um livro bastante interessante e irreverente é *O vampiro que descobriu o Brasil* de Ivan Jaf que conta a história de Antonio, um português vampirizado em 1500 que tenta recuperar sua mortalidade e humanidade destruindo aquele que o mordeu. Para isto, ele segue o vampiro para a esquadra de Cabral – onde o monstro está escondido – e acompanha a viagem e a descoberta e o desenvolvimento de nosso país até os anos 2000 misturando personagens da História do Brasil com a ficção fantástica.

A década de 2000 viu surgir a série de livros com histórias conectadas – em torno do mesmo grupo de vampiros – escrita por André Vianco; o que

⁸ Um típico ambiente gótico seria um antigo e arruinado castelo, com quadros vivos, salas assombradas, escadas labirínticas, porões com fantasmas e mortos-vivos, tudo muito sombrio e escuro.



consideramos uma das mais expressivas na literatura brasileira atual. Sem considerar as questões relativas aos cânones acadêmicos, julgamos sua importância por conta de seu alcance, visibilidade e vendas, além de inovações. A história d'*O vampiro que descobriu o Brasil*, por exemplo, pode ser interpretada como influenciada pela obra de Vianco que, por sua vez, traz influências da literatura mundial mescladas com situações adaptadas à nossa própria sociedade.

A narrativa percorre o Brasil e envolve diferentes personagens em diferentes posições. Tudo começa quando um grupo de mergulhadores descobre uma caravela naufragada no litoral do Rio Grande do Sul. Ao explorar a embarcação eles se deparam com uma gigantesca caixa de prata com um aviso de que não deve ser aberta em hipótese alguma: “Nobres homens de bem, jamais ouseis profanar este túmulo maldito. Aqui estão sepultados demônios viciados no mal e aqui devem permanecer eternamente. Que o Santo Deus e o Santo Papa vos protejam” (VIANCO, 2001. p. 27). A caixa era de 1500. Obviamente, com a curiosidade despertada, o grupo chama uma equipe de pesquisadores da universidade local que abre a caixa e liberta sete vampiros portugueses aprisionados desde o século XVI quando, tendo sido finalmente capturados depois de uma exaustiva caçada em Portugal, foram lacrados dentro da caixa de prata⁹ e enviados à Cabral em uma caravela que ele tinha ordens para afundar em alto mar.

Após serem, acidentalmente libertados, os vampiros passam a vagar pela cidade descobrindo o Novo Mundo, sem fazer a menor ideia de onde estão ou quanto tempo se passou. Ao descobrir que estão em 1999 os vampiros se assustam e ficam perplexos com a vida moderna e suas tecnologias sendo constantemente surpreendidos. Esta é uma das inovações que gostaríamos de apontar na obra. Em geral, ao ficarem inconsciente ou presos, mesmo passando-se centenas de anos os

⁹ Ao contrário do senso geral, as lendas antigas, originárias do Leste Europeu, trazem a prata como uma forma de aprisionar vampiros e/ou enfraquece-los. Na série *Sookie Stackhouse*, Charlaine Harris retoma isto fazendo com que prata seja usada para deixar os vampiros indefesos.



vampiros parecem naturalmente adaptados ao tempo em que estão, sem sustos ou dificuldades.

Inverno perdeu uns instantes olhando para o cômodo. Havia uma espécie de poltrona feita de algum tipo de porcelana ou material vítreo. [...] Manuel entrou no cômodo e parou diante da poltrona. Na parede, na altura da cintura do invasor, havia uma peça metálica, pequena, de formato cilíndrico. O vampiro levou a mão até a parte de metal e pressionou-a. Pela primeira vez em séculos, assustou-se, chegando a saltar para trás. A poltrona de porcelana soltou um rugido, inundando a si própria com um turbilhão d'água. (VIANCO, 2001. p. 135)

Em todo seu percurso pelo país fugindo do exército, que a esta altura já está em seu encaço por terem fugido das instalações da universidade, os vampiros portugueses vão aprendendo sobre o novo século em que acordaram: luz elétrica, trens, aviões, automóveis, armas de fogo, telefones, televisões, centenas de utensílios e aparatos tecnológicos. Numa passagem cômica, dois dos vampiros estão caminhando por um trilho tentando identificar do que se trata quando surge um enorme trem de carga, deixando-os aturdidos com aquela “horrível cobra metálica”.

No livro seguinte, *Sétimo*, lançado em 2002 a história continua do ponto em que parou em *Os sete*. Sétimo é o vampiro mais novo, o irmão caçula que vendeu a alma de todos ao diabo e está preparando um exército para lutar contra os irmãos, neste meio tempo, os brasileiros estão aprendendo a lidar com os vampiros que estão arregimentando exércitos também para lutar contra o irmão odiado.

A saga termina em 2008, com a trilogia *O turno da noite* que finaliza a história. Após os Sete serem destruídos, sobraram apenas alguns vampiros. Um grupo de quatro amigos que haviam sido transformados é arrebanhado por um misterioso vampiro ancião sendo treinados e utilizados como vigilantes. Eles aceitam a tarefa por acreditarem ser mais nobre matar bandidos para se alimentar



ao invés de pessoas inocentes. Uma das ironias mais mordazes de Vianco está no final e traz em si, o desejo de muitos e a crítica ao mundo da política e dos homens no poder.

Alexandre encostou o carro e o quarteto desceu, recebendo o ar morno da noite brasiliense. Olhando para a Câmara dos Deputados, Alexandre sorriu mais uma vez.

--- Se querem sangue ruim, aqui é o lugar. Fome a gente não passa tão cedo. [...]

--- Qual é o primeiro da lista? [...]

--- Um certo senador Everton Trapeiro.

--- O presidente do Senado? Logo ele?! [...]

--- [...] Decidimos que atacaríamos por ordem de processos. [...]

O quarteto começou a marchar em direção ao senado.

A estada em Brasília seria longa, bem longa. (VIANCO, 2008. p. 917-918)

No mesmo ano, 2008, foi lançada a HQ *Os vampiros do Rio D'Ouro* contando como Sétimo traiu os irmãos vendendo sua alma ao diabo, a transformação dos Sete e sua trajetória e perseguição numa pequena vila de Portugal até o momento em que são trancafiados dentro da caravela para serem afundados em alto mar, fechando o ciclo da saga.

Conclusão

Mesmo não tendo a tradição secular de histórias de vampiros que possui a Europa e por consequência e influência direta, os Estados Unidos, a literatura brasileira também produziu suas obras sobre a temática. Nossos escritores não foram tão propensos ao gótico, devido em muito ao nosso amalgama cultural, mas não fugiram a repercussão do mito. Mesmo que de forma tímida e, muitas vezes, apenas sugerido, o vampiro apareceu em suas obras.

Na atualidade, continuam sendo poucos os livros e escritores nacionais que produzem obras vultosas como as de Vianco que, em 2010, quando concedeu uma



entrevista à Livraria da Folha, já havia publicado 14 livros de literatura fantástica focando o vampiro. Desde então a produção nacional aumentou significativamente, muito em sincronia com a literatura mundial e por extensão com o cinema e as mídias em geral. Autores brasileiros como Giulia Moon¹⁰, Martha Argel¹¹, Nazareth Fonseca¹², e Adriano Siqueira¹³ tem há anos se dedicado ao fantástico e afirmam que o mercado editorial no Brasil está se abrindo cada vez à estes temas por conta da conta do consumo dos leitores o que demonstra a permanência deste mito e sua propagação no imaginário mundial mantendo vivo este ser imortal e atemporal.

A literatura brasileira tem muito a ganhar com esta mudança de perspectivas que atrai, cada vez, um público muitas vezes preconceituoso e desconfiado com o que é escrito por aqui que começa a se surpreender com a produção literária de nosso país. São histórias e narrativas tão atraentes, fascinantes e bem escritas, que prendem o leitor tanto quanto muito do que é sucesso e vem importado e traduzido de outros países.

Nacionais ou estrangeiros; nas matas ou nas grandes cidades; vivendo às escondidas ou se expondo aos humanos; jovens ou maduros; enfim, os vampiros permanecem no imaginário humano desde sempre povoando sonhos ou pesadelos e sempre se mantém em constante adaptação reforçando a força e antiguidade deste mito que tem uma origem tão diversa que é praticamente impossível rastreá-la.

¹⁰ Autora de *Kaori – Perfume de vampira* (2009), *Kaori – Coração de vampira* (2011), entre outros.

¹¹ Autora de *Relações de sangue* (2002), *O vampiro da Mata Atlântica* (2009), entre outros.

¹² Entre suas publicações está *Alma e Sangue* (2005).

¹³ Algumas de suas obras são *Amor Vampiro*(2009) e *Adorável Noite* (2011).



Referências Bibliográficas

- ARGEL, M. e MOURA NETO, H. (org.). **O vampiro antes de Drácula**. São Paulo: Aleph, 2008.
- BILGER, N. **Anomie vampirique, anémie sociale: pour une sociologie du vampire au cinéma**. Paris: L'Harmattan, 2002.
- BRITES, C. (Org.) **O livro negro dos vampiros**. São Paulo: Andross, 2007.
- COSTA, F. M. (Org.) **13 melhores contos de vampiros**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- DUARTE, L. **Literatura fantástica: a nova cara da literatura brasileira**. In: Universo Fantástico. Disponível em: <<http://universofantastico.wordpress.com/2012/02/24/literatura-fantastica-a-nova-cara-da-literatura-brasileira/>>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- FERREIRA, C. V. Treze obras vampíricas: vultos e sangrias na poesia brasileira. In: _____. (org.). **Voivode: estudos sobre vampiros, da mitologia às subculturas urbanas**. Jundiaí, SP: Pandemonium, 2002. p. 179-181.
- GELDER, K. **Reading the vampire**. Londres: Routledge, 1994.
- JAF, I. **O vampiro que descobriu o Brasil**. São Paulo: Ática, 2004.
- JARROT, S. **Le vampire dans la littérature du XIXe au XXe siècle**. Paris: L'Harmattan, 1999.
- MASSAPUST, S. Dos Apinajés à Quimbanda: vampirismo luso-brasileiro. In: FERREIRA, C. V. (org.). **Voivode: estudos sobre vampiros, da mitologia às subculturas urbanas**. Jundiaí, SP: Pandemonium, 2002. p. 27-36.
- MENON, M. C. Vampiros: algumas faces do monstro em narrativas brasileiras. In: **Anuário de Literatura**, 2011, vol. 16, n. 2, p. 185-196.
- SOUZA, J. C. M. Octavio e Branca ou a maldição materna. In: FERREIRA, C. V. (org.). **Voivode: estudos sobre vampiros, da mitologia às subculturas urbanas**. Jundiaí, SP: Pandemonium, 2002. p. 210-221.
- VIANCO, A. **Os sete**. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2001.



____. **Sétimo**. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2002.

____. **O turno da noite**. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2008. Volume Único.

____. Entrevista concedida à Fernanda Correia para a **Livraria da Folha** em 30 de junho de 2010. Acesso em: 15 jul. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/757095-escritores-de-livros-de-vampiros-sao-bem-normais-no-fundo-diz-andre-vianco.shtml>>.